

Angola, A Paz e os Direitos Humanos nas Mensagens da Igreja Católica (1989 – 1994)

Tony Neves *

Resumo

Angola viveu largos séculos sob o peso do colonialismo a que se sucedeu uma longa guerra civil. Em 1989, cai o Muro de Berlim e começam as primeiras negociações em ordem ao cessar-fogo. A crueldade da guerra acentua-se e este país lusófono só conhece o fim dos combates em 2002, com a assinatura do Memorando de Luena, após a morte do Dr. Jonas Savimbi.

Este trabalho estuda as numerosas Mensagens publicadas pelos Bispos Católicos. Há uma ideia de fundo que passa por todas elas: a da urgência da paz. Sempre se propõe um calar de armas, um sentar-se para negociar, um olhar para o povo mártir, um ler melhor a declaração universal dos direitos humanos. Como caminhos para a paz, a Conferência dos Bispos sempre apontou a democratização do país, o multipartidarismo e as eleições livres. Estas foram, durante anos a fio, ideias proibidas em Angola.

Estes textos, além de ricos em conteúdo, são revolucionários nas dinâmicas que geraram e nos caminhos que abriram. Além do mais, não se situavam no simples âmbito de teorias, uma vez que a Igreja escrevia e agia. As intervenções humanitárias no terreno, sobretudo através da Caritas e das Missões, foram decisivas para salvar milhares de pessoas da fome e da morte por doenças.

* Director do jornal Acção Missionária

Palavras-chave:

Paz, Direitos Humanos, Igreja Católica, Reconstrução, Angola

Keywords:

Peace, Human Rights, Catholic Church, Reconstruction, Angola

Abstract

Angola was for centuries under the weight of colonialism which was followed by a long civil war. In 1989 with the fall of the Berlin Wall the first negotiations to the cease fire started. The cruelty of war increased and the end of the fight came only in 2002.

This article studies the numerous messages published by the Catholic Bishops of Angola. There is a transversal idea passing for all of them: the urgency for peace. There is always a proposal to shut the machine guns, to sit down for talks, to look at the suffering people, to read better the world human rights declaration. As paths for peace, the Bishops Conference always showed the democratization of the country, the multiparty system and the free elections. For many years these were forbidden ideas in Angola.

These texts, rich in contents, are also revolutionary because of the movements that started and the paths that opened. Indeed, these were not merely theories, because the Church wrote and practiced. The human interventions at the ground level, especially by the means of Caritas and the Missions, had been crucial to save thousands of people from starving and from dying sick.

INTRODUÇÃO

Angola vivia, em 1989, um momento particularmente dramático da sua ainda jovem história de país independente: a guerra civil estava no auge. Foi nesse ano que cheguei ao país onde vivi até 1994, sempre no martirizado Planalto Central: um ano no Cuíto-Bié

e quatro anos no Huambo, duas cidades por onde a guerra passou a sério e deixou o seu rasto de morte e destruição.

1989 fica para a história da Humanidade como a data da queda do Muro de Berlim, mas, para a Angola, é o ano dos acordos de Gbadolite, na República Democrática do Congo, que foi o primeiro passo para uma paz que só se efectivaria já neste novo milénio com o Memorando de Entendimento de Luena (4 de Abril de 2002), assinado após a morte de Jonas Savimbi. 2004 é a data dos Acordos de Lusaca, na Zâmbia, texto que o Memorando de Entendimento de Luena pouco mais faria que ratificar e aplicar à situação do momento.

No meio da debandada geral de instituições governamentais e organizações, a Igreja Católica, com larga implantação em todo o país, permaneceu sempre ao lado das populações civis e foi uma voz incómoda a denunciar as violações dos direitos humanos e a propor caminhos de paz e democracia multipartidária. No meio de populações famintas e abandonadas, a Caritas foi o seu braço solidário, distribuindo comida, medicamentos e roupa.

As Mensagens da CEAST têm um nível literário notável, a que não é alheio o facto de, entre os bispos católicos, haver nomes grandes da cultura angolana como o cardeal Alexandre Nascimento, o arcebispo Franklim da Costa ou o bispo Francisco da Mata Mourisca, todos com obras publicadas.

Neste trabalho, vou ater-me às Mensagens que a Conferência Episcopal de Angola e São Tomé e Príncipe (CEAST) publicou entre 1989 e 1994, sobretudo no diz respeito à Democracia, à Paz e aos Direitos Humanos. Para tal, muito vai contribuir a colectânea de documentos episcopais publicada pelo Secretariado de Pastoral da CEAST em 1998.¹

1974-1988

Os momentos que antecederam e sucederam a proclamação da independência de Angola foram marcados por diversas intervenções da hierarquia da

Igreja Católica: «O momento cristão de Angola» (06.06.1974), «A Igreja e a cultura angolana» (10.01.1975), «Sobre o regresso dos refugiados» (17.02.1975), «A Igreja e a Independência» (11.10.1975), «A Evangelização em Angola» (29.06.1976), «Sobre a guerra e a liberdade religiosa» (22.11.1976), «Sobre a primeira viagem papal a África» (14.05.1980), «Sobre a santidade da instituição familiar» (29.08.1980), «Sobre missionário recém-falecido» (28.11.1980), «Sobre o 8º centenário de S. Francisco de Assis» (31.08.1982), «Sobre a reconciliação» (17.02.1984), «Sobre a família» (Páscoa 1984), «Sobre a morte de quatro missionários» (30.08.1985), «Firmes na esperança, 10 anos após a Independência» (27.02.1986), «Sobre o 5º centenário da Evangelização de Angola» (22.02.1987), «Sobre a Paz» (06.07.1988).

O Ano 1989

O ano 1989 é marcado por três mensagens pastorais que proporcionaram reacções muito fortes da parte do governo de partido único. A primeira², datada de 15 de Fevereiro, é titulada «Mensagem pastoral sobre as exigências da Paz» e tem alvos claros: «Aos caríssimos diocesanos, aos que anseiam a Paz, a todos os que presidem aos destinos de Angola e a quantos, de qualquer modo, interferem na guerra civil em Angola». Os bispos dizem: «o céu de Angola continua sob as nuvens de apreensões graves e a reconciliação da grande família angolana, de que tanto temos falado, ainda não se fez». Citam os apoios prometidos da comunidade internacional e dizem que cabe aos Angolanos traçar o seu próprio destino. Terminam com a afirmação de que o sentir mais comum e profundo do povo angolano é o anseio da reconciliação e da paz. Daí o apelo: «Demo-nos as mãos uns aos outros. Deixemos cair as armas. Abracemo-nos como irmãos, numa aurora de novos tempos para a grande família angolana».

A segunda mensagem,³ publicada durante o Congresso Eucarístico de Benguela, começa com um

louvor expresso ao aperto de mão entre Eduardo dos Santos e Jonas Savimbi em Gbadolite. Seguem-se algumas denúncias: humilhante dependência; recurso excessivo à cooperação estrangeira; o descrédito que representa uma violação do cessar-fogo. Há inúmeros apelos, exigências e propostas: o bem comum do povo deve ser a bússola norteadora das negociações; o diálogo da reconciliação, na linha democrática deve continuar a construir e consolidar a Paz; coragem de superar ressentimentos e agravos; estender os braços, apertar as mãos e fazer a Paz nacional; confiança mútua e respeito do cessar-fogo por parte dos homens armados; de soldados da guerra a soldados da paz. Por fim, uma conclusão em forma de compromisso eclesial: construir uma pátria nova no diálogo, no amor, na fraternidade e na Paz... pois a Igreja Católica dá todo o seu apoio ao processo de Paz.

A terceira mensagem⁴ foi a que suscitou reacções mais duras do governo. Publicada a 11 de Novembro, data do aniversário da Independência, os bispos católicos apresentam-se como intérpretes das aspirações e frustrações do povo sofrido de Angola. Começam por denunciar: o rompimento do cessar fogo assinado; o recrudescimento da guerra; o caos do país a todos os níveis; a diferença entre os interesses dos responsáveis e os dos pobres; a linguagem ofensiva de parte a parte. Há, contudo, bastantes propostas: o fim do regime de partido único; a busca de uma paz autêntica; o cessar-fogo urgente; diálogo pessoal, directo, franco; abertura ao desenvolvimento e progresso; a realização de eleições livres.

A força do impacto desta mensagem percebe-se, a nível nacional, pela reacção brutal e ameaçadora do MPLA por todos os meios (TPA, RNA, Jornal de Angola, Comícios...), pelo apoio da Oposição (que, claro está, se interessou pelo tema das eleições e do fim do partido único) e pela larga difusão que a mensagem e reacções tiveram na comunicação social estrangeira. Nada ficaria como dantes, nas relações Igreja-Estado, depois desta mensagem.

Uma era de Paz relativa

A 3 de Maio de 1990, depois de a Igreja ter resistido às ameaças do Governo, os bispos voltaram a falar e até ousaram responder ao MPLA que os acusara de ingerir nos assuntos internos do Governo ao falar de assuntos políticos. Diz esta mensagem que o Evangelho tem de tocar todas as dimensões do Homem, incluindo a social e a política. Os bispos louvam as negociações directas, o diálogo para a Paz e o plano de democratização em debate. Denunciam o agravamento da situação da vida do povo e o facto de o monopólio das decisões que afectam a todos estar só nas mãos do MPLA. Propõem uma democracia verdadeira a todos os níveis, eleições livres (uma insistência), a participação activa dos leigos cristãos na política. Pedem aos cristãos que façam da Solenidade do Corpo de Deus uma festa de intensa oração pela Paz.

O aniversário da Independência foi o pretexto para mais uma Mensagem⁶. Agarrando as grandes ideias do Jubileu segundo a Bíblia, os Bispos propõem um ano de libertação (recobrar a propriedade, voltar para a família, acabar com a guerra, dar liberdade de opinião, de expressão, de circulação, de viver como pessoas, de libertação da opressão e servidão do pecado e de ideologias monolíticas), um ano de graça (de perdão, amor, reconciliação, encontro de todos os angolanos no abraço fraterno da paz), um ano de alegria (se regressarem ao Pai muitos dos filhos dispersos por Angola, se muitos forem capazes de perdoar as ofensas dos inimigos, se todos puderem recuperar a sua propriedade, lavoura, casa e voltar à aldeia, à família). Há ainda uma proposta que liga o Jubileu aos *media* e ao fim da guerra: acabe-se com a linguagem ofensiva e difundam-se sentimentos de reconciliação nos *media*. Deixem a Igreja possuir os meios de comunicação Social a que tem direito. Não há razões para prolongar a guerra. A luta armada é absurda e condenável.

O ano 1991 é marcado por uma primeira mensagem que denuncia abusos e apresenta algumas

exigências aos beligerantes⁷. Abusos denunciados: as violências com as armas (confrontações, rusgas e raptos com fins militares, assaltos à mão armada, violações...) e as violências sem armas (aborto, fome imposta pela guerra, troca de moeda...). Exigências apresentadas: o fim dos abusos já referidos, o cessar fogo imediato, disciplinar quem usa as armas, a abertura de corredores de paz, a resolução do problema levantado pela troca da moeda, a fidelidade aos compromissos das negociações de Portugal, sob pena de perda de confiança por parte do povo eleitor.

O Conselho Permanente da CEAST pronunciou-se em Junho⁸, visando uma dupla acção de graças: pelos 500 anos da chegada dos primeiros missionários e pelo Acordo de Cessar-Fogo alcançado. Junta ao programa jubilar o acarinhar e fortalecer uma paz que garanta o regresso... a uma vida humanamente digna. Há um apelo constante a um trabalho de consolidação da Paz e da Reconciliação. Nada melhor que começar por ela: a Igreja que sofreu tantos agravos, esquece o triste passado e abraça fraternalmente todos os angolanos. Apela-se, finalmente, ao respeito dos direitos humanos de todos sem excepção, o que só acontecerá na verdadeira democracia onde tal respeito tem de estar presente.

João Paulo II, eleições e regresso à guerra

Parece-me importante começar por situar este ano importante para a História de Angola. De facto, não foi por acaso que os bispos de Angola publicaram seis mensagens. Este ano tinha reunidas todas as condições para ser grande: o cessar-fogo tinha sete meses de vida; a Igreja Católica preparava-se para encerrar o jubileu dos Cinco Séculos da Evangelização; a visita do papa João Paulo II estava programada; as eleições e a democracia instituída por elas encerrariam, com chave de ouro, este ano, que nasceu promissor. E o certo é que o cessar-fogo lá se foi aguentando; o papa veio e fez os Angolanos viver o acontecimento mais forte e unificador de toda a sua História; a campanha eleitoral decorreu

razoavelmente (se atendermos a que foi a primeira e depois de tantos anos de guerra e ódio fratricida); as eleições realizaram-se de forma pacífica e ordeira (com um recorde de participação popular) e... quando tudo parecia correr às mil maravilhas, o país rebenta (com fraude eleitoral, segundo a UNITA, ou sem ela, segundo o MPLA e a ONU). Foi a frustração (e porque não dizer: a traição?) e mais uma condenação à morte para este povo já bem mártir.

Mas acompanhemos a voz dos bispos católicos ao longo das seis mensagens deste ano, começando pela de 1 de Março⁹. A CEAST recorda que a Paz passa pelos políticos que, ao contrário dos militares, não estão a respeitar o cessar-fogo: abusam da linguagem provocadora e do trabalho paralelo em certas regiões (com escolas, centros de saúde... partidários). Há um apelo a que se criem condições para que as eleições sejam livres e justas, o que exige uma campanha eleitoral séria e sem represálias. É urgente a existência de uma confiança mútua entre o MPLA e a UNITA. A Paz passa pela democracia multipartidária que tem de entrar livremente em todo o lado: escolas, hospitais, fábricas, famílias... É preciso que os partidos apresentem depressa os respectivos programas e candidatos. A Paz passa pela justiça e não faz sentido que se rejeitem funcionários ou trabalhadores porque são deste ou daquele partido. As desordens crescentes que o país atravessa (crimes, assaltos, justiça por mãos próprias...) alarmam as populações e são descrédito para as autoridades públicas. Os refugiados que regressam a Angola precisam de apoio rápido e eficiente. Os problemas levantados pela troca da moeda precisam de ser resolvidos.

A 2 de Março, os bispos publicaram uma Exortação Pastoral em ordem à preparação da visita de João Paulo II¹⁰. O texto define o papa como fundamento e sinal de comunhão na Igreja Católica e alguém que vem proclamar a verdade, promover a justiça, defender o direito, reclamar o respeito da pessoa humana, apontar os caminhos da Paz. Os bispos convidam todos os angolanos a acolher os

ensinamentos do papa e a pôr em prática tudo o que ele disser em ordem à edificação do país na verdade, na justiça, na fraternidade e na paz.

Após a visita de João Paulo II, a CEAST publicou uma mensagem de agradecimento e, ao mesmo tempo, de denúncia dos inimigos da paz: a linguagem provocadora em certos programas dos *media* e em certos comunicados dos partidos (autênticas declarações de guerra); a existência de dois exércitos rivais (que urge desmobilizar e desarmar imediatamente, formando o exército único); a acumulação e movimentação de material bélico; o tribalismo fechado; a criminalidade organizada. Os bispos lançam uma última palavra sobre o processo democrático que deve educar para a escolha ciente e consciente do partido e candidato presidencial a votar nas eleições, sem represálias. Os *media* devem informar com verdade e não usar linguagem falsa nem agressiva.

As eleições legislativas e presidenciais, marcadas para 29 e 30 de Setembro, foram o pretexto para mais uma mensagem¹¹. Começa por falar do compromisso político dos cristãos. O papa lembrou, na sua visita, que os bispos devem ser servidores do povo, abrindo caminhos de maior justiça e de progresso social para todos, transmitindo aos cidadãos o espírito e a estrutura da liberdade, do serviço, da solidariedade e da justiça... pois tal constituirá o fermento da sociedade em construção e da sua cultura política.

Falando de eleições, a mensagem diz que elas só serão responsáveis se forem livres e conscientes. Para tal, o povo tem de ter critérios de escolha: o serviço do bem comum e o respeito pelos Direitos Humanos. E não vale só dizer: é preciso fazer!

A campanha eleitoral não pode ser de denegrimiento dos outros partidos e candidatos. Tem de ser positiva, sem violência física ou verbal. E depois das eleições? Quem ganha não pode esmagar quem perde; quem perde tem de respeitar quem ganha e fazer uma oposição construtiva. Só assim o povo pode ter a paz, a justiça e o progresso.

Após as eleições, instalou-se uma crise político-militar e os Bispos pronunciaram-se duramente a 22 de Outubro¹². Entre 31 de Maio de 1991 e 30 de Setembro de 1992 foi o milagre da Paz. Depois, a felicidade transformou-se em pânico, quando os resultados eleitorais não foram aceites pela UNITA porque considerados fraudulentos. E, porque tudo se pode perder com a guerra, é urgente salvar a Paz, custe o que custar. O papa lançara o apelo repetido: Angola, nunca mais a guerra!. A reconciliação nacional teve um preço elevado. Deitar a perder a paz alcançada seria um acto irremediável de loucura nacional. Que as duas partes em conflito cedam o que for preciso para salvarem o milagre da paz – apelaram os bispos. É necessário demonstrar maturidade política respeitando a vontade popular expressa nas eleições. Se houver ilegalidades ou fraudes, há instâncias para as detectar e mecanismos para resolver os problemas levantados. O retorno ao espírito e à letra de Bicesse é o caminho obrigatório para uma solução pacífica da crise angolana. Para que o povo acredite na democracia e na paz, urge substituir os dois exércitos beligerantes pelo exército nacional único e desarmar as forças partidárias. Se mais de 90 por cento dos eleitores votaram – lembram os bispos – é uma responsabilidade política e uma obrigação, por parte dos partidos e candidatos, respeitar a vontade deles. Convém não esquecer que, em democracia, há duas vitórias: a da governação e a da oposição, e todos têm um papel insubstituível a desempenhar.

Há ainda uma referência explícita às chacinas realizadas em Cabinda e um apelo aos *media* para que informem com dignidade, porque a divulgação de meias verdades conduz à inverdade.

A Pátria de Luto é o título duríssimo da última mensagem da CEAST em 92¹³. Os Bispos deploram a matança de milhares de pessoas, em todo o país, mas, sobretudo em Luanda. Condenam ainda as detenções e sequestros de pessoas por razões partidárias ou tribais, o banditismo armado e a destruição de imóveis e outros bens.

É gravíssima a eliminação de pessoas por pertencerem a um partido ou tribo. O ódio tribal e o desrespeito pelas livres opções partidárias destroem a nação e a democracia. Constituem ainda uma grande traição ao povo e aos próprios bispos, que se esforçaram na educação para a democracia multipartidária. A «caça ao homem» – seja por que motivo for – é criminoso.

Quanto ao futuro, os bispos perguntam: «Vamos ter outra guerra para matar o povo?» Um suicídio nacional – dizem! E perguntam novamente: «Uma nova guerra como iria acabar? Com negociações? Com o diálogo? Com algum mediador? Então (...) aquilo que um dia iriam fazer para a guerra acabar, façam-no já agora para ela não começar!».

A CEAST congratula-se com os «Acordos do Namibe» e a possibilidade de a UNITA e restante oposição integrarem o novo governo e parlamento. Mas é urgente formar o exército único e desarmar todos os militares partidários civis armados. A comunicação social volta a ser convidada a colocar-se ao serviço da união e da reconciliação dos Angolanos. Há um pedido final aos responsáveis do país para que ponham cobro à situação trágica que Angola está a viver.

O terror no Planalto

O ano 1993 foi o das grandes batalhas no Huambo e no Cuíto. Com o Planalto Central a ferro e fogo, a Conferência Episcopal publicou uma mensagem, a 11 de Fevereiro, onde começa por denunciar o massacre dos Bacongós (originários do Norte de Angola), em Luanda, na chamada «Sexta-Feira sangrenta»¹⁴. Como pretexto, apontou-se o facto de os Zairenses estarem a apoiar a UNITA. Assaltos, saques, violações, mutilações, assassínios, ensanguentaram a cidade de Luanda, sem reacção imediata das autoridades. Os bispos reuniram-se de emergência e publicaram esta carta pastoral, que ajudou a parar esta onda criminoso.

Os bispos foram mais longe e fizeram uma radiografia geral do país vitimado por uma injustificada e monstruosa guerra que o futuro há-de julgar como um dos maiores crimes da História de Angola.

A Conferência Episcopal denuncia ainda as sistemáticas violações dos direitos humanos. Condena a devastação indiscriminada de vilas e cidades onde nem sequer as igrejas, os hospitais e as creches são poupados. Os bispos apelam ainda para a ajuda humanitária que o MPLA e a UNITA estavam a impedir que chegassem às populações martirizadas.

E, para terminar, deixam vários recados: haja flexibilidade nas negociações em curso; façam negociações com os olhos postos não nos interesses do próprio partido, mas no sofrimento do povo; que não termine esta ronda de conversações sem assinarem um cessar-fogo imediato e incondicional, apostados em respeitar lealmente os acordos de Paz.

«Irmãos, porque nos matamos?» é a pergunta incómoda escolhida para título de mais uma mensagem Pastoral, publicada a 5 de Agosto¹⁵ pelo Conselho Permanente e Alargado. Há uma denúncia clara desta guerra absurda e desumana que já matou milhares de pessoas, desfez famílias, gerou prisioneiros de guerra, sujeitou cidades inteiras à insegurança e à fome. Os bispos fazem dois apelos ao Governo e à UNITA: «Deixai-nos viver!» e «Restituí-nos a liberdade!».

Em jeito de conclusão, os bispos angolanos dirigem-se aos responsáveis da guerra: «Quer acreditem ou não, não podemos deixar de recordar aqui as terríveis contas que hão-de prestar um dia a Deus os supremos autores de tantos e tão hediondos crimes que esta guerra está a perpetrar no meio do povo inocente. Senhores responsáveis da guerra, nós e os nossos fiéis continuamos a rezar por vós, para terdes a coragem da reconciliação, para serdes capazes de compreender que a vossa maior vitória é a paz, de vós, ansiosamente, esperada pelo povo».

No fim do ano, a CEAST voltou a pronunciar-se, em tempo já de preparação para o Natal¹⁶. No Advento, os bispos inspiraram-se no profeta Isaías e

fizeram propostas de pacificação, apostando em frases-chave: «*preencher as ravinas da fome e da miséria*» – estas «ravinas» são consequências dos combates e só podem ser preenchidas com um cessar-fogo sério. Diante do que se vê – dizem os bispos – julgamos que persistir na guerra constitui uma atitude assassina que a consciência cristã não pode aceitar. Outras ravinas a preencher são as destruições sem conta, bem como a pilhagem de bens públicos e particulares. Pôr fim imediato a esta loucura é a melhor oportunidade que os políticos têm de mostrar amor à Pátria. – «*Abater os muros da ambição e do ódio*» – as ambições do poder, do dinheiro e do lucro desmedidos estão a ser terríveis para o povo angolano. Esta guerra não é feita por amor à Pátria, que se arruína, mas por dividendos que se procuram: o poder, o petróleo, contas bancárias no estrangeiro, lucros desmedidos, etc. Mas o maior obstáculo a derrubar é o morro do ódio. A moral cristã prega o amor fraterno e o perdão dos inimigos. Este é um dos actos mais nobres do coração humano e é o preço que os angolanos estão dispostos a pagar pela reconciliação e pela Paz em Angola – defendem os bispos. – «*Endireitar as curvas da injustiça*» – a mais grave injustiça que esta guerra gerou foi a violação do direito sagrado à vida. Uma simples denúncia pode bastar para deter ou mesmo eliminar um irmão: quem assim procede é verdadeiro assassino dos seus irmãos! Será ainda mais rigoroso o juízo de Deus para os culpados de bombardeamentos indiscriminados e para quem sitia cidades durante largos meses, condenando-as à morte. Como uma vida sem liberdade não é humana, impõe-se a libertação dos detidos políticos de ambos os lados. Proporcione-se a liberdade de circulação e conceda-se ao povo o direito de viver em segurança e a responsabilidade de os pais zelarem pela educação e integridade moral dos filhos. Os Bispos atacam ainda a mentira orquestrada e, por vezes, veiculada na comunicação social, visando até atingir autoridades e instituições eclesiais. Ali se refere o caso das notícias que circularam sobre o arcebispo do Huambo

e sua alegada ligação à UNITA, o que serviu de justificação para a destruição parcial do Paço Episcopal pela artilharia e pela força aérea do Governo. –«*Terraplanar os caminhos da Paz*» – Os bispos dizem que é urgente eliminar as armas que constituem o maior inimigo da Pátria: matam, mutilam as pessoas, destroem o património e esgotam os recursos. A CEAST pede que ninguém venda armas a Angola, mas antes enxadas e tractores: «Armas para nos matar, nunca mais!». Por fim, a mensagem defende a eliminação da desconfiança mútua, para que se enterre o passado e se olhe para o futuro de mãos dadas, sem alimentar qualquer espécie de tribalismo.

1994, olhos em Lusaca

Às portas da Páscoa, a CEAST publicou mais uma mensagem Pastoral¹⁷ onde apela para a necessidade de renovação e reconciliação de uma Angola que continua mergulhada num mar de lágrimas e de sangue. Angola precisa de cidadãos novos, respeitadores dos direitos humanos. Precisa de famílias novas, bem unidas. Precisa de políticos novos que não alinhem em ideias ditatoriais, mas apostados exclusivamente no caminho de uma justa democracia pluripartidária e pluralista. Estes novos políticos devem, na opinião dos bispos, aspirar ao poder pela vontade expressa no voto e nunca pela força das armas e têm de saber honrar os compromissos e servir o povo sem se servirem dele.

É preciso renovar a mente, escolhendo e vivendo os valores do Evangelho. Urge pôr de parte todas as formas de mentira: comunicados falsos e contraditórios, fraudes, especulações, abusos de confiança. Só detestando a mentira se pode libertar Angola da guerra que a destrói. Os bispos pedem verdade acima de tudo: nas negociações, nos compromissos assumidos, no cumprimento dos acordos, na comunicação social, na justiça distributiva, na democracia, nas relações sociais. Finalmente, a CEAST apela à renovação da vida, pondo cobro aos

furtos nos negócios fraudulentos, nos assaltos criminosos, no exercício desonesto das profissões, na delapidação do património público, nas pilhagens frequentes. Mas, sobretudo, é urgente acabar com este monstro da guerra para que os Angolanos possam trabalhar. A Mensagem Pastoral expressa ainda uma bem fundada preocupação relativa às acções militares no terreno e aos intensos preparativos de guerra em curso. Faz um apelo à comunicação social para que fomenta a concórdia e a reconciliação e termina com um compromisso: «Enquanto houver angolanos que não se cansam de fazer a guerra, não nos podemos cansar de procurar a Paz».

A 8 de Dezembro, por ocasião do cessar-fogo assinado em Lusaca, os bispos voltaram a falar alto¹⁸. A Paz trespassa as sete páginas do texto distribuído e lido em todas as igrejas católicas de Angola. Em tempo de Advento, citam o profeta Isaías: «O lobo habitará com o cordeiro». Concluem os bispos que o lobo se ofenderia com razão se ouvisse dizer que o homem, nas suas atrocidades, é lobo para o homem, pois o lobo nunca faz ao seu irmão lobo as crueldades que o homem faz ao seu irmão! A Conferência Episcopal confia no processo de Paz, mas alerta para o perigo das feridas profundas ainda por cicatrizar. A desconfiança é grande. A história do passado leva a suspeitar do actual acordo de Paz. Os bispos, para provar que a Paz é possível, pedem para que se olhe para alguns dos países vizinhos e para o Médio Oriente. A esperança está de pé, desde que se afaste o desespero e o pessimismo incentivado por mentores desesperados. Os meios de comunicação social têm também de colaborar, utilizando uma linguagem convidativa à reconciliação e à Paz. O cessar-fogo dá corpo a uma esperança merecida. O povo sofreu demais e pagou já caro o preço da Paz. Ela é valiosa demais. É fruto da justiça que tem de ser humana e fraterna. A justiça tem de se impor pela força da razão e nunca pela força da violência. O diálogo é fundamental e as armas são uma injúria à razão e a dignidade humanas. Por isso, os bispos consideram urgente que os beligerantes posem as armas sem

receio, com a supervisão e ajuda dos organismos internacionais e nacionais competentes. A justiça – lembra a CEAST, numa clara referência à corrupção – não se pode compadecer com o compadrio nos cargos públicos, desvio de fundos nacionais, nem com o abuso de poder para extorquir bens alheios, nem com a ambição armada que assalta, depreda, destrói e mata. A própria guerra não pode justificar a desordem gritante de usurpar bens do povo nem, muito menos, a infâmia de saquear hospitais, instituições religiosas e humanitárias.

A Igreja Católica decidiu fazer de 1995 o Ano Nacional da Família Angolana, depois de este 1994 ter sido o Ano Internacional da Família. O objetivo – diz a CEAST – é criar as condições para a promoção e defesa da família e fazer dela um espaço de amor, comunhão, perdão e acolhimento. Deve caracterizar a família angolana o *«aceitar o irmão, seja ele do Norte ou do Sul, do Leste ou do Oeste, desta tribo ou daquela, do meu partido ou do teu. Em política democrática, ninguém há-de estranhar que um irmão pertença a este partido ou àquele. É um direito»*.

O rosto pacífico de Angola – uma tese

Muito se tem escrito, em todo o mundo, sobre a guerra e o processo de Paz em Angola. Mas gostava de salientar a tese de doutoramento de Michael Comerford, irlandês que trabalha há largos anos em Angola¹⁹. A tese foi defendida na Universidade de Leeds, em Inglaterra em 1993. Começa com um olhar histórico, parte que termina com a apresentação dos três grandes Acordos de Paz: Bicesse, Lusaca e Memorando de Luena. O Capítulo 2 (o que nos interessa para o nosso trabalho) fala das Igrejas Históricas. O Capítulo 3 trata dos Meios de Comunicação Privados. As Organização da Sociedade Civil aparecem no Capítulo 4. As respostas da Sociedade Civil preenchem o Capítulo 5. O Capítulo 6 aborda o papel das Autoridades Tradicionais neste processo.

Voltando ao Capítulo 2, que ocupa as páginas 23 a 71, Michael Comerford diz logo no início que as Igrejas históricas são instituições importantes em Angola com uma influência poderosa no seio do povo. Elas consideram-se como estando a falar em nome do povo angolano, que pagou o preço mais alto pelos vários falhanços na resolução do conflito. A perspectiva de Paz das Igrejas é uma perspectiva nacional, proposta por um grupo que viveu com o ‘povo sofredor’ e que teve contactos com ambas as partes em conflito. Além disso, constitui a rede mais legítima e organizada para a Paz e mudança numa Angola fragmentada²⁰. O autor optou por uma abordagem cronológica, referindo, ao longo das páginas, eventos e intervenções que ajudaram ao processo de Paz. Divide-se em cinco partes: 1. Perspectivas da Igreja antes de Bicesse; 2. Dos Acordos de Bicesse às eleições de 1992; 3. Das eleições de 1992 ao Protocolo de Lusaca; 4. Do Protocolo de Lusaca à guerra de 1998; 5. A Terceira Guerra. Para este trabalho, interessam-nos, sobretudo, as três primeiras partes. O autor começa por referir os Acordos de Gbadolite e 1989, um ponto de partida deste moroso processo de pacificação do país. As Igrejas receberam calorosamente o Acordo. As mudanças realizadas no Leste da Europa, com a queda do Muro de Berlim, levam a CEAST a acreditar que mudanças políticas estavam já concretizadas em Angola, o que não veio a verificar-se logo. As exigências da CEAST na mensagem de Novembro de 1989, supra-referidas, tiveram reacção imediata do Governo: «O Governo do MPLA ficou bastante irritado pela intervenção da CEAST. Dois artigos publicados no jornal diário estatal, o *Jornal de Angola*, de 30 de Novembro de 1989, acusavam a CEAST de obstruir a busca da Paz por adoptar posições idênticas às dos Estados Unidos e da UNITA. A resposta do Governo faz parte duma série onde a CEAST foi fortemente repudiada pelo conteúdo das suas cartas pastorais»²¹. Os bispos católicos foram apresentando as causas da guerra e

propondo saídas para um cessar-fogo. Nada que resultasse em Paz.

Após Bicesse, a Igreja Católica aplaudiu a mudança do tempo do partido único para a democracia multipartidária, acreditando que a reconciliação nacional dava um passo em frente. Houve, contudo, muitas denúncias da falta prática de pluralismo, também patente na comunicação social de ambos os lados da guerra. A aposta final deste período foi para a preparação das eleições que se realizariam em Setembro de 1992. O caos que se lhes seguiu levou a CEAST a tomar inúmeras posições públicas em mensagens sucessivas. Depois de um ano de negociações em Lusaca, chegou o Acordo, a 20 de Novembro de 1994. Assim se iniciaria um período de Paz relativa de quatro anos, o período mais longo sem guerra na era pós-independência. Também aqui a Igreja investiu forte, na consolidação da Paz, na democratização, na construção de uma cultura de Paz, na redefinição do conflito e nos meios de comunicação social. Tal não impediu que a guerra regressasse em 1998 para só terminar em 2002.²²

CONCLUSÕES

Angola viveu quarenta anos de guerra. A luta armada pela independência começou em 1962 e só em 2002, com o Memorando de Luena, os combates acabaram. É muito tempo, muitas mortes, muita mutilação, muita destruição e, sobretudo, houve um roubo de presente e de futuro a várias gerações.

Dentre as instituições sempre presentes ao longo desta longa guerra conta-se a Igreja Católica, a religião maioritária em Angola. Antes da independência, a sua acção foi de grande investimento nas áreas da educação, da saúde e do desenvolvimento, para além da dimensão religiosa e humanista. Com a chegada da guerra e a debandada de quase todas as instituições existentes, a Igreja Católica ainda somou mais a dimensão de ajuda humanitária e de intervenção nas áreas de justiça, paz e direitos humanos.

A Conferência Episcopal de Angola e São Tomé e Príncipe (CEAST) foi, durante muito tempo, a única instituição que conseguia falar alto e falar claro sobre a situação da guerra. Muitas vezes ameaçada, foi sempre uma voz profética e incómoda, com uma prática a condizer com as teorias que ia defendendo. Escolhi o intervalo 1989-1994 por duas razões fundamentais: porque é o tempo que separa os Acordos de Gbadolite e Lusaca e porque é o tempo da minha permanência em Angola como missionário, jornalista e professor.

Dito isto, dá para entender que este meu trabalho não é isento de subjectividade (como todos os outros, mas aqui a subjectividade esconde-se menos!). Defendo, de forma clara, as intervenções da Igreja, até porque estou de acordo com as ideias que elas veiculam.

Os bispos católicos intervieram sempre em cima da hora, correndo dois riscos: o de não terem tempo suficiente para uma análise correcta da situação; o de atacarem muito frontalmente os senhores da guerra em momentos que não lhes convinha nada ter oposição. De facto, a CEAST arriscou muito, mas tendo sempre como objectivo defender as populações indefesas das mãos carneiras de quem tinha armas e as usava (e delas abusava) massacrando quem não tinha qualquer hipótese de se defender. Aqui imperou a clara opção pelos mais pobres, uma opção de alto risco que os bispos quiseram correr.

As mensagens da CEAST são, no plano literário, muita ricas. Há um recurso constante a imagens bíblicas e, boa parte delas, são textos muito bem escritos. Talvez, por isso, eram tão lidos e comentados, em todos os círculos, mesmo os que os contestavam.

Há uma ideia de fundo que passa por todas elas: a da urgência da Paz. Sempre se propõe um calar de armas, um sentar-se para negociar, um olhar para o povo mártir, um ler melhor a declaração universal dos direitos humanos. Como caminhos para a Paz, a CEAST sempre apontou a democratização do país, o multipartidarismo e as eleições livres. Estas foram, durante anos a fio, ideias proibidas em Angola.

Estes textos, além de ricos em conteúdo, são revolucionários nas dinâmicas que geraram e nos caminhos que abriram. Além do mais, não se situavam no simples âmbito de teorias, uma vez que a Igreja falava mas fazia. As intervenções humanitárias no terreno, sobretudo através da Caritas e das Missões, foram decisivas para salvar milhares de pessoas da fome e da morte por doenças.

Acabo de regressar de Angola onde pude, de jipe, percorrer largos milhares de quilómetros, passando pelo corredor litoral Luanda-Benguela, e pelos caminhos do planalto central do Alto Hama, ao Bailundo, ao Chinguar, ao Cuíto, ao Andulo e ao Huambo. Vi como a Igreja está a investir na formação para a cidadania e na reconstrução de estruturas vitais, tais como as escolas, os hospitais, as oficinas, etc. E as intervenções da CEAST, por escrito, continuam a ter a profundidade e o humanismo que sempre as caracterizaram.

Em anexo, junto as reportagens que fiz e que, pouco a pouco, estão a ser publicadas de Portugal e que mostram uma Igreja Católica muito empenhada na reconstrução de Angola a todos os níveis, ficando claro que o melhor do mundo são as pessoas e é nelas que é mais urgente e importante investir.

Notas

- ¹ . CEAST, *A Igreja em Angola entre a Guerra e a Paz. Documentos Episcopais 1974-1998*, Ed. Secretariado de Pastoral, Luanda 1998, 431 páginas.
- ² . CEAST, *Mensagem Pastoral sobre as Exigências da Paz*, Ed. CEAST, Luanda 1989.
- ³ . CEAST, *Mensagem Pastoral sobre a Reconciliação Nacional*, Ed. CEAST, Benguela 1989.
- ⁴ . CEAST, *Mensagem aos Responsáveis Políticos do MPLA-PT e da UNITA, a Todo o Povo de Deus e aos Homens de Boa Vontade*, Ed. CEAST, Luanda, 1989.
- ⁵ . CEAST, *Mensagem Pastoral sobre as Conversações de Paz*, ed. CEAST, Luanda 1990.
- ⁶ . CEAST, *Jubileu Angolano*, Ed. CEAST, Luanda 1990.
- ⁷ . CEAST, *Em defesa da Vida*, Ed. CEAST, Luanda 1991.
- ⁸ . CEAST, *Felizes os Obreiros da Paz*, Ed. CEAST LUANDA 1991.
- ⁹ . CEAST, *Políticos, Democracia e Justiça*, Ed. CEAST, Luanda 1992.
- ¹⁰ . CEAST, *Preparemo-Nos para o Receber*, Ed. CEAST, Luanda 1992.

- ¹¹ . CEAST, *Às portas da Segunda República*, Ed. CEAST, Luanda 1992.
- ¹² . CEAST, *Salvai-Nos que Perecemos*, Ed. CEAST, Luanda 1992.
- ¹³ . CEAST, *A Pátria de Luto*, Ed. CEAST, Luanda 1992.
- ¹⁴ . CEAST, *O Sangue do Teu Irmão Clama da Terra até Mim* (Gn 4,10), Ed. CEAST, Luanda 1993.
- ¹⁵ . CEAST, *Irmãos, porque Nos Matamos?*, Ed. CEAST, Luanda 1993.
- ¹⁶ . CEAST, *Ao encontro do Príncipe da Paz*, Ed. CEAST, Luanda 1993.
- ¹⁷ . CEAST, *Por Uma Angola Renovada*, Ed. CEAST, Luanda, 1994.
- ¹⁸ . CEAST, *Corações ao Alto*, Ed. CEAST, Luanda 1994.
- ¹⁹ Cf. COMERFORD, M., *O Rosto Pacífico de Angola. Biografia de Um Processo de Paz* (1991-2002), ed. Autor, Luanda, 2005.
- ²⁰ . Cf. *Ibidem*, p. 23.
- ²¹ . *Ibidem*, p.29.
- ²² . Cf. *Ibidem*, pp. 35-58.

Bibliografia

- CEAST, *A Igreja em Angola entre a Guerra e a Paz. Documentos Episcopais 1974-1998*, Ed. Secretariado de Pastoral, Luanda 1998.
- Idem, *Mensagem Pastoral sobre as Exigências da Paz*, Ed. CEAST, Luanda 1989.
- Idem, *Mensagem Pastoral sobre a Reconciliação Nacional*, Ed. CEAST, Benguela 1989.
- Idem, *Mensagem aos Responsáveis Políticos do MPLA-PT e da UNITA, a todo o Povo de Deus e aos Homens de Boa Vontade*, Ed. CEAST, Luanda, 1989.
- Idem, *Mensagem Pastoral sobre as Conversações de Paz*, ed. CEAST, Luanda 1990.
- Idem, *Jubileu Angolano*, ed. CEAST, Luanda 1990.
- Idem, *Em defesa da Vida*, ed. CEAST, Luanda 1991.
- Idem, *Felizes os Obreiros da Paz*, ed. CEAST LUANDA 1991.
- Idem, *Políticos, Democracia e Justiça*, ed. CEAST, Luanda 1992.
- Idem, *Preparemo-Nos para o Receber*, ed. CEAST, Luanda 1992.
- Idem, *Às portas da Segunda República*, ed. CEAST, Luanda 1992.
- Idem, *Salvai-nos, que perecemos*, ed. CEAST, Luanda 1992.
- Idem, *A Pátria de Luto*, ed. CEAST, Luanda 1992.
- Idem, *'O Sangue do Teu Irmão Clama da Terra até mim'* (Gn 4,10), ed. CEAST, Luanda 1993.
- Idem, *Irmãos, porque Nos Matamos?*, ed. CEAST, Luanda 1993.
- Idem, *Ao encontro do Príncipe da Paz*, ed. CEAST, Luanda 1993.
- Idem, *'Por Uma Angola Renovada'*, ed. CEAST, Luanda, 1994.
- Idem, *Corações ao Alto*, ed. CEAST, Luanda 1994.
- COMERFORD, Michael., *O Rosto Pacífico de Angola. Biografia de um processo de Paz* (1991-2002), ed. Autor, Luanda, 2005.
- HENDERSON, Lawrence, *A Igreja em Angola*, ed. Além-Mar, Lisboa 1990.

NEVES, Tony, *Angola. A Igreja Católica pela Paz*, ed. Rei dos Livros, Lisboa 2001.

NEVES, Tony, *Arquidiocese do Huambo 1993*, ed. Arq. Huambo 1995.

NEVES, Tony, *Missão em Angola*, ed. Espiritanos, Lisboa 1997.

ANEXO

30 ANOS DE INDEPENDÊNCIA

Tempo de reconstruir Angola

A Rádio Ecclesia, Emissora Católica de Angola, celebrou 50 anos de (e)missão. O convite para uma conferência no congresso evocativo deste evento foi o pretexto para um regresso a Angola, onze anos depois. Aterrei em Luanda na noite de 6 de Dezembro. Deixei Lisboa a tremer de frio e desci a escada do avião a transpirar o ar quente e húmido de Luanda.

Escrevi um longo diário de uma «viagem» que durou até à véspera de Natal e me permitiu percorrer caminhos já andados, cheios de encontros e memórias, não de uma nostalgia do passado, mas de um regresso ao futuro. Tive a honra (e a sorte) de ser acompanhado sempre pelo P.^o Lourenço Ndjambu, superior provincial dos Espiritanos de Angola, que, de jipe, me levou pelos caminhos do Sumbe, Lobito, Benguela, Alto Hama, Bailundo, Chinguar, Cuíto-Bié, Andulo, Caála, Huambo.... dezenas de horas e milhares de buracos em estradas e picadas que a guerra estragou e ainda ninguém ousou reabilitar. Carcaças de ferro queimadas em ataques e contra-ataques e numerosos sinais de minas mostram como a guerra ainda não está tão longe de Angola como o povo gostaria. E faltam as eleições, prova dos nove da democracia ainda a dar os primeiros passos. Encontrei um povo, já sem rostos de fome, a trabalhar nos seus campos, a circular à vontade, com a guerra já bem longe do seu horizonte.

Em tempo do «Lisboa-Dacar», fico com a convicção de que os participantes não farão mais horas de jipe nem darão tantos saltos como demos

nestes dias onde foi necessário enfrentar o calor quase desértico do litoral e as chuvas tropicais do planalto central.

Convido-vos a dar este passeio pelo litoral e pelo planalto central de Angola.

Luanda, 6 a 9 de Dezembro

A aventura começou na capital, onde tudo mexe, mais carros que metros quadrados de alcatrão, muita gente e deambular, muito ruído de fundo, alegria nos rostos muito jovens, música no ar, muito colorido nas roupas ligeiras de quem passa ou permanece sentado no seu posto de comércio. Encontrei uma Luanda muito viva, a contrastar com a Luanda triste e suja dos tempos da guerra. Pude, com diversos colegas, percorrer algumas das ruas de Luanda e dos musseques, o que ajudou a dar razão aos que dizem que quase metade dos angolanos vive na área metropolitana da capital. É uma cidade sem fim na linha do horizonte, mesmo quando temos a sorte de subir aos prédios mais altos e olhar a toda a volta.

Foi a 8 de Dezembro de 1955 que a Rádio Ecclesia foi inaugurada. 50 anos depois, a celebração deste jubileu de ouro impunha-se. E aconteceu, a 8 e 9 de Dezembro no Auditório da Universidade Católica. Disse-se muita coisa, mas as baterias estiveram sempre apontadas para o Governo, «exigindo» a autorização da extensão do sinal a todo o país. Ou seja: o Governo só autoriza, por enquanto, a Rádio Ecclesia e emitir para Luanda, o que viola o princípio da liberdade da expressão. A luta vai continuar....

Luanda, Sumbe, Lobito, Benguela

A 10 de Dezembro, o jipe fez-se à estrada, às 5 da manhã, rumo ao Lobito. Até ao Sumbe, boa estrada. Paragem para um encontro com D. Benedito Roberto, o bispo, espiritano, que nos acolheu no seu Paço. Visitámos a Escola de Informática e Contabilidade e a Sé Catedral e continuámos viagem, sob um calor muito intenso. Pneu furado, problemas

com combustível... chegámos ao Lobito ao fim da tarde. A paróquia de S. João Baptista, nos morros do Lobito, foi o nosso quartel-general do fim-de-semana, acolhidos pelos jovens padres José Maria, Segunda e Kapango. Fui logo com o P.º Segunda celebrar missa a uma capela do morro, a Senhora do Loreto, e jantar com os líderes da comunidade.

O domingo foi celebrativo: com os mais velhos, com as milhares de crianças da catequese, com os jovens, com os casais em retiro de Advento. Porque esta paróquia está geminada com a minha (Foz do Sousa), encontrei-me com o Conselho Paroquial para um encontro de reflexão sobre a importância da geminação de paróquias e, em concreto, acerca do caminho já feito e a fazer por estas paróquias irmãs. Pude visitar a grande escola profissional que está a ser construída sob a orientação da paróquia e que terá o nome do P.º Manuel Martins Ferreira, espiritano português, que ficou no coração deste povo. O jantar de domingo foi na Restinga do Lobito.

Segunda-feira foi dia de visita a Benguela, a cidade das acácias rubras. Depois de uma longa conversa com D. Óscar Braga, o bispo, o almoço foi com os padres Horácio e James, espiritanos. Deu para perceber quanto é conhecido e querido o P.º Horácio, há mais de 50 anos em Angola. Visitámos ainda os Leigos para o Desenvolvimento. De regresso ao Lobito, encontrámos o P.º Afonso Moreira, missionário no Bailundo, a caminho de Luanda.

Rumo ao Planalto Central

As 5 da manhã já estávamos na estrada. O objectivo era chegar cedo ao Chinguar, na província do Bié. Tínhamos pela frente uma longa estrada cheia de buracos e um planalto com chuva intensa a dificultar a viagem. Parámos na Missão do Bocoio, mas a primeira visita do dia foi à Missão do Monte Belo. Construída pelos espiritanos, muito destruída pela guerra, está confiada à comunidade de S. João Baptista do Lobito. A sua lenta recuperação está em curso: a igreja já é utilizada nas Eucaristias, a escola

já funciona, o centro de saúde e a residência dos padres estão em obras... e a grande expectativa das populações com quem falámos está no regresso dos missionários. Um grande projecto.

Seguimos viagem com nova paragem no Balombo, continuando pelo Londuimbale e pelo Alto Hama, povoação onde se encontram as estradas do Lobito, Luanda, Bailundo e Huambo. Um problema na barra da direcção obrigou-nos a parar mais de duas horas numa garagem improvisada. Seguimos caminho pelo Bailundo e chegamos ao Chinguar já de noite. Acolhidos pelo P.º Agostinho Loureiro, ali ficámos para o dia seguinte, donde partimos para o Cuíto, após a Eucaristia na igreja da missão.

Cuíto, Chanhora, Andulo

Entramos no Cuíto no início da manhã. A avenida central continua a mostrar ao mundo a guerra que arrasou a cidade em 1993: casas esventradas e todas furadas, a Catedral, que só mantém de pé a torre esburacada. Acolhidos pela comunidade espiritana (padres Moreira e Muquinda e estagiário Ricardo), fomos visitar o bispo D. Nambi e, passando pelo aeroporto, seguimos para a Missão da Chanhora, espaço enorme onde ainda se mantêm de pé os edifícios da igreja, das escolas e internatos e outros espaços que fizeram desta a grande missão do Bié, às portas de Silva Porto. Ocupada e destruída, foi devolvida à Igreja, estudando-se a sua reabilitação. No regresso, passámos pela minha primeira paróquia, o Catemo, cuja igreja está a ruir.

Dali, após o almoço, rumámos para o Andulo, a 130 km, para visitar a vila que foi último reduto de Jonas Savimbi e onde tem uma das maiores missões de Angola. Ocupada durante a guerra, bastante destruída, tem já lá irmãs de S. José de Cluny e os espiritanos estão a caminho de ali se reinstalarem. O regresso foi já de noite, com alguns problemas de combustível à mistura. D. Nambi aguardava-nos para um jantar que celebrava o aniversário do ecónomo da Diocese.

A manhã do dia 15 teve o bispo por guia. Fomos até ao Cunje (ex-Silva Porto Gare) para visitar o Cemitério Memorial da Guerra do Cuíto. Ali estão os 6733 corpos encontrados na cidade. Ali se construiu uma capela e um conjunto escultural com uma estátua de uma mãe com uma criança morta ao colo. Um monumento para perpetuar os horrores da guerra. Após a visita a um convento devida contemplativa, em construção, regressamos ao Cuíto onde visitámos o Paço Episcopal (bombardeado e queimado) em reconstrução e fizemos fotos junto das ruínas da Sé Catedral, uma imagem que já correu o mundo.

O Huambo já estava na linha do horizonte.

Cuando, Huambo, Tchiva, Queve, Caála

A estrada do Cuíto ao Chinguar são apenas 75 km, transformados num único buraco. Com chuvas torrenciais, a viagem complica-se. O Planalto está muito cultivado e vê-se milho, feijão, mandioca, batata... para além das papaias, das mangas, dos abacates, das laranjas. A era da fome parece ter passado à história por terras férteis do planalto. São precisas uma horas para chegar ao Chinguar. Após algumas fotografias, continuamos, com paragem obrigatória na Missão do Cuando (padres Rufino, António e Domingos), lá onde uma barragem fornece electricidade ao Huambo. Chegamos ao Seminário Maior Espiritano no Huambo (antigo Colégio Espírito Santo), já noite cerrada. Um primeiro encontro com os espiritanos residentes (Padres Bongo, João Francisco, Lino e Diácono Álvaro) ajudou a definir o programa dos dias seguintes.

Huambo, coração de uma viagem

Foi no Huambo que vivi de 1990 a 1994. Aqui funciona o Centro de Reabilitação de Mutilados da Camussamba, fundado e orientado pelas irmãs espiritanas. Aqui, acaba de abrir o Centro «Mwenho-Ukola» que acolhe meninas que a guerra deixou sem família. Aqui, na Missão do Vale do Queve, está em

curso um projecto de reinserção de ex-combatentes e vai realizar-se, em Agosto, a Ponte 2006 dos Jovens sem Fronteiras. Aqui, na Tchiva, celebri quase todos os domingos, nesta nossa comunidade de periferia pobre. Aqui, no Seminário Menor Espiritano vivi e leccionei. Aqui, no Seminário Maior de Cristo-Rei leccionei... tudo boas razões para que a parte de leão desta visita acontecesse no Huambo.

Uma volta à cidade.

A primeira visita que fiz foi ao Paço Arquiepiscopal para um encontro com o novo arcebispo, D. José Queirós Alves, redentorista de Marco de Canaveses, há muitos anos em Angola. Falámos do Congresso da Rádio Ecclesia, da extensão do sinal a todas as dioceses e partilhei com ele o projecto de os Jovens sem Fronteiras realizarem a Ponte 2006 na Missão do Vale do Queve. Ficou muito contente e apoiou a ideia com entusiasmo. Dali, seguimos para a Cidade Baixa, rumo ao Seminário Menor Espiritano, onde vivi. Encontrei um edifício em obras, já com o telhado mudado. A Batalha dos 55 Dias do Huambo rebentou o edifício, exigindo obras de fundo. O Seminário teve de ser fechado e vai ali nascer um colégio, voltando ao projecto inicial. Continuámos viagem para o S. João, onde visitámos o pároco e diversas comunidades religiosas. Pude fotografar a fachada principal da Igreja de S. João, onde está gravado o símbolo da LIAM, que ajudou a construir. Nos Saletinos, encontrámos a delegação no Huambo do Comité InterEclesial para a Paz (COIEPA), que tem realizado acções de formação e sensibilização, em ordem a uma reconciliação nacional efectiva. Dali rumámos para a Missão Católica do Canhe onde encontrámos o pároco e as irmãs teresianas. Continuámos as visitas às numerosas comunidades paroquiais e religiosas na Cidade Alta.

O Centro das Meninas de Rua.

A tarde deste primeiro dia foi preenchida com a visita ao Centro «Mwenho-Ukola» que as irmãs do Imaculado Coração de Maria (Filhas d'África) dirigem no Huambo, com cerca de três dezenas de meninas a quem a guerra roubou ou fez desaparecer

os pais. A irmã Ana Maria, médica formada em Coimbra, é a directora. Com ela pude acertar alguns pormenores do projecto que os Jovens sem Fronteiras, com o apoio do IPAD, estão a desenvolver no que diz respeito ao funcionamento. Foi uma tarde de trabalho, com visita às instalações, encontro com as meninas, fotos, sugestões sobre o futuro, plano de intervenção durante a Ponte 2006 dos Jovens sem Fronteiras, continuação do projecto no próximo ano, elaboração de relatórios. Deu ainda para falar de outros projectos de promoção humana (o da Humpata - Lubango, em funcionamento; os da Caála e Queve em projecto).

A noite foi de encontro com os mais de trinta candidatos a espiritanos, que fazem os seus cursos de Filosofia e Teologia no Seminário Maior de Cristo Rei. Uma partilha muito interactiva sobre o mundo de hoje, os *media* e a missão. E assim se passou o primeiro dia...

A Missão do Vale do Queve

O segundo dia foi dedicado ao Vale do Queve, uma missão situada a 35 km do Huambo, na saída para Luanda e Lobito. Foi um regresso a uma missão onde passei muitos dias com um povo mártir, porque a guerra provocou ali muito sofrimento. Fundada em 1958 pelos Espiritanos, foi praticamente destruída pela guerra. Em 2002, o Governo construiu a Aldeia Betânia, mesmo ao lado da missão, onde residem cerca de 800 famílias de ex-militares. No âmbito de um projecto de reintegração destes ex-militares, a missão católica coordenou, em 2004 e 2005, um projecto que permitiu a recuperação de dois pequenos edifícios e, com a intervenção do Fundo de Acção Social, está também reabilitado o centro de saúde da missão. Há negociações em curso para a recuperação da escola e do edifício central que foi a residência dos missionários. Há ainda o plano de reabilitar o centro de acolhimento e internamento de doentes e as duas residências para os professores da escola. A igreja, ali mesmo no centro da missão, também foi muito danificada pela guerra e ameaça ruína.

Atendendo a que há muito trabalho a fazer no âmbito da formação e intervenção nas áreas da saúde, da educação, dos direitos humanos e cidadania, do apoio à infância e aos jovens, da pastoral... o P.^e Lino Ngonga, superior da Missão do Vale do Queve, sugeriu que ali se realizasse a Ponte 2006, ele que já acompanhara, há dez anos atrás, a Ponte 97 no Huambo. Conhecendo como conhecia o contexto e depois desta visita, a decisão não foi difícil de tomar. Mais difícil foi o regresso ao Huambo, dado o péssimo estado da estrada que obriga a gastar mais de uma hora para fazer trinta e poucos quilómetros....

Domingo na Tchiva

Se o sábado foi dedicado ao Vale do Queve, o domingo foi reservado para a Tchiva, comunidade nas periferias do Huambo onde quase sempre gastei os meus sábados e domingos durante os anos que trabalhei em Angola. Encontrei uma igreja cheia com muitas caras conhecidas. A Eucaristia foi a festa do costume, com muito batuque, canto e danças. No fim, a festa continuou fora da igreja e prolongou-se até ao meio-dia, com os jovens nos ensaios para o Natal. Só ao fim da manhã regressei ao Huambo por uma estrada quase impraticável, que liga a Tchiva ao São João, passando pela Cuca, a fábrica de cervejas que a guerra destruiu.

A tarde foi de visitas e de conferências.

A Caála e na Camussamba

De manhã bem cedo, segui com a irmã Rosália Tchingtonene, superiora geral das Filhas d'África para a Caála, para ver o edifício onde vai funcionar um centro de promoção feminina a uma vintena de quilómetros do Huambo. De regresso, fui levado pela irmã Aurora, espiritana de Vieira do Minho, ao Centro de Reabilitação de Mutilados de Guerra, a funcionar no bairro da Camussamba, nas periferias do Huambo. Ali todos trabalham, cada um faz o que pode. O Centro não tem ninguém lá a residir. É um local de trabalho e de encontro. Por isso, foram construídas três aldeias onde os mutilados vivem. Tudo ali no bairro. Hoje já

Tony Neves

só tem 125 utentes, muitos deles crianças. Impressiona, pela positiva, ver pessoas cegas a fazer artesanato, pessoas mutiladas a costurar ou a fazer colares de missangas. Lá bem perto está a Escola de S. Teresinha, fundada em 1997 e dirigida pela irmã Palmira, de Tondela. Tem cerca de 700 crianças e nasceu à sombra do Centro, dando prioridade aos familiares dos mutilados e deficientes.

Fiquei instalado no Seminário Maior Espiritano (ex-Colégio do Espírito Santo), também ele muito necessitado de obras e, sobretudo, de mobiliário. Trouxe comigo a preocupação de ajudar a equipar esta estrutura tão importante para o presente e o futuro dos Espiritanos em Angola.

Do Huambo regressámos a Luanda, via Lobito. O Natal esperava-me em Lisboa.

Tony Neves, em Angola